

Operação de recompra no exterior

GAZETA MERCANTIL

25 FEV 1993

por Celson Pinto
de Londres

O Banco Central (BC) tentava concluir ontem à noite uma operação simultânea de venda de títulos da dívida externa do Egito, no valor de US\$ 89 milhões, e da Tanzânia, de US\$ 140 milhões, e de recompra de papéis da dívida brasileira no mercado internacional (MYDFA).

Essa operação estava praticamente acertada na semana passada, conforme escreve a editora Claudia Safatle, de Brasília, mas problemas jurídicos levaram o BC a não fechar a negociação.

Recomprar dívida no mercado secundário aos baixos preços atuais é um ótimo negócio. A rigor, contudo, contraria os termos do acordo assinado entre o Brasil e os bancos credores em 1988, teoricamente ainda em vigor. Embora as dívidas de países em desenvolvimento sejam amplamente negociadas no mercado internacional, os bancos credores fixaram a

praxe de incluir cláusulas nos acordos que impedem os países de recomprar suas dívidas com deságio.

A operação que está em curso não é exatamente de troca de dívidas. O BC quer vender dívidas que tem em carteira do Egito e da Tanzânia e, com os recursos levantados, recomprar dívida brasileira vencida de médio e longo prazos (MYDFA).

Uma fonte de um banco europeu disse a este jornal que o BC pediu cotações para venda da dívida do Egito na segunda-feira da semana passada. Outra fonte do mercado acrescentou que a operação envolveu também a dívida da Tanzânia.

A dívida egípcia negociada, explica uma fonte, tem a forma de notas promissórias referentes a exportações brasileiras, com vencimentos diferentes. Conforme o vencimento, as notas promissórias são cotadas pelo mercado entre pouco mais de 40 centavos por dólar e mais de 50 centavos por dólar. A dívida da Tanzânia é negociada no

mercado a cerca de 27 a 28 centavos por dólar.

O MYDFA (que deixou de ser negociado na segunda-feira, ver página 16) fechou a semana passada cotado entre 29,75 e 30,5 centavos por dólar. Não se sabe por quanto o BC está vendendo a dívida egípcia, mas como sua cotação é superior à dívida brasileira, ela permite a recompra de MYDFA com um valor nominal superior. Em outros termos, se o BC vende US\$ 100 de dívida egípcia a, digamos, 45 centavos por dólar, conseguiu recomprar US\$ 150 de dívida brasileira se pagou 30 centavos por dólar.

(Até agora o BC já negociou diversas operações de "swap" (ou venda e recompra de títulos), principalmente para recuperar créditos do antigo Finex — Financiamentos à Exportação — que mantém, hoje, um estoque de dívidas vendidas de US\$ 1,4 bilhão, junto a países mais pobres (África, América Central e América Latina), escreve Claudia Safatle.

No último dia 15, foi efetuada uma negociação com a Costa Rica, que, por meio de "swap" de dívida, liquidou débitos de US\$ 40,2 milhões com o Brasil, dos quais US\$ 24,4 milhões com o Banco do Brasil e US\$ 15,8 milhões junto ao Instituto de Resseguros do Brasil (IRB) de crédito Finex.

Outra modalidade de operação de "swap" foi feita com Angola, que tem um débito total com o Brasil de quase US\$ 1 bilhão. A troca foi de dívida por petróleo. A partir desse acordo, Angola comprometeu-se a fornecer 20 mil barris por dia de petróleo ao País, num acordo envolvendo US\$ 250 milhões.

Há, ainda, negociações em curso com Nicarágua, Zâmbia e República Dominicana. Uma missão da República Dominicana deverá chegar ao Brasil no dia 1º de março para tentar uma nova forma de "swap", trocando dívida com o Brasil de financiamento para desajuste do balanço de pagamentos por MYDFA, com deságios que acabam sendo apropriados pelo BC.)

Há cerca de dois anos o Brasil fez uma operação em conjunto com o Paraguai e a Bolívia, pela qual, no final,

(Continua na página 15)

ACERTO EXTERNO

Operação de recompra no ...

por Celso Pinto
de Londres

(Continuação da 1ª página)
cancelou débitos para-guaios e bolivianos em troca de dívida brasileira comprada com deságio no mercado.

Durante a gestão de Mailson Ferreira da Nóbrega no Ministério da Fazenda, a Petrobrás e a Vale do Rio Doce recompraram bilhões de dólares de dívidas no mercado internacional, com o beneplácito do BC. Além disso, empresas privadas e públicas fizeram operações de liquidação antecipada de dívida vencida com deságio, enquanto ainda havia um estoque razoável desses empréstimos a vencer.

A persistência de baixas cotações para a dívida brasileira no mercado internacional ampliou a tentação de recomprá-la. A um preço entre 29 e 30 centavos por dólar, teoricamente o Brasil conseguiria recomprar todos os US\$ 44 bilhões envolvidos no acordo que está sendo discutido com os bancos privados credores internacionais, usando pouco mais da metade de seu nível atual de reservas.

OFERTA

O mercado sabe disso e tentou oferecer negócios para o governo brasileiro. Um banco de investimentos europeu disse a este jornal que, no último ano e

meio, tentou convencer o BC a recomprar dívida no mercado. Ofereceu diversas alternativas e idéias, mas nunca encontrou receptividade.

A razão para a recusa, ao que tudo indica, sempre foi o desejo de evitar romper com a cláusula do acordo com os bancos. Quando o Brasil fez recompras no passado, os bancos credores reagiram de forma pública e incisiva.

Por que, então, a operação em curso? Existe uma razão prática. A partir desta última segunda-feira teoricamente acabaram as operações com MYDFA.

Dia 22 de fevereiro foi a data acertada no acordo com os bancos para que os credores enviem suas posições em MYDFA ao BC para que ele possa fazer a reconciliação de contas necessárias para a futura troca da dívida velha por bônus novos, quando o acordo entrar em vigor. Por esta razão, o BC não mais aceitará pedidos de transferência de propriedade, o que era a base da negociação do MYDFA no mercado secundário (ver página 16).

EXPERIÊNCIAS

Até a semana passada, a compra e venda de MYDFA era simples. A partir desta semana, os negócios com MYDFA virtualmente desapareceram. Esquemas alternativos pa-

ra compensação e/ou custódia dos MYDFA estão sendo estudados pelo mercado, mas ainda não foram definidos.

Não está claro se a motivação maior da operação é livrar-se de dívida duvidosa do Egito e da Tanzânia, a recompra com deságio de dívida brasileira, ou a combinação de ambos.

Vários outros países credores fizeram operações de

recompra da dívida, de uma forma ou de outra, apesar das restrições nos acordos com os bancos. A partir da assinatura do acordo tipo Brady, que transforma a dívida em bônus, a recompra passa a ser permitida. O México fez operações maciças de recompra de seus bônus no ano passado, envolvendo algo entre US\$ 6 bilhões e 7 bilhões.

GAZETA MERCANTIL

25 FEV 1993